

Entrevista

Comunicação ética pode contribuir com uma cidadania planetária e um “projeto de humanidade”. As perspectivas de Luiz Martins da Silva



Fernanda Vasques Ferreira¹
Marcelli Alves²

A complexidade da comunicação inserida no universo sistêmico é tratada pelo professor da Faculdade de Comunicação da Universidade de Brasília (UnB) e doutor em sociologia, Luiz Martins da Silva. Com mais de vinte anos de docência e oito livros publicados Martins ressalta que a comunicação, por ser uma ciência social aplicada, é um campo dialógico que chega até mesmo à biologia. O pesquisador faz uma analogia das questões éticas, aplicadas ao campo comunicacional. Em suas pesquisas acrescenta o neologismo de uma holoética. “A holoética é a visão da mesma ética para a cidadania planetária, mas não apenas com um vetor direcionado de forma heterônoma, ou seja, de fora para dentro da questão humana. O ser humano voltado para as coisas todas postas. É o homem posto para o mundo”, explica.

Segundo o professor, a visão sistêmica da comunicação chega também às Novas Diretrizes para o curso de Jornalismo, aprovadas no fim do ano passado e que devem entrar em vigor em setembro de 2015. Para ele, os alunos estão cada vez mais instrumentalizados, voltados para a técnica. “Os saberes universitários começam com o trivium, depois quadrivium e depois temos uma pulverização. Não podemos mais continuar pensando o mundo de forma fragmentada”, ressalva. Ele destaca, ainda, a importância do ensino da ética e de proposições e alternativas para situações de decoro, evitando-se assim o cacoete e o mau gosto nas produções midiáticas.

Considerando a demasiada especialização do curso de comunicação nas suas diferentes áreas, tais como: jornalismo, publicidade e propaganda, relações públicas, produção audiovisual, entre outras habilitações, que estão disponíveis no Brasil em nível de graduação, qual é o estado da arte do estudo da ética na comunicação no Brasil?

É preciso situar a área da comunicação. É uma área que não tem muita pacificação desde o seu berço. Para qualquer lado que você encaminhar a comunicação ela é uma colagem interdisciplinar legal. A comunicação é um campo sobretudo dialógico e interdisciplinar com as mais variadas áreas. Há momentos em que ocorrem analogias das teorias da comunicação com a

¹ Doutoranda em Comunicação pela Universidade de Brasília e professora dos cursos de Comunicação Social - Jornalismo e Publicidade e Propaganda da Universidade Católica de Brasília (UCB) fernanda.jornalista82@gmail.com.

² Doutoranda em Comunicação pela Universidade de Brasília e professora assistente da Universidade Federal do Maranhão (UFMA) alves.marcelli@gmail.com.

biologia. Nós temos próceres da comunicação que são engenheiros elétricos. A comunicação é uma ciência social aplicada. Por vezes, é muito mais aplicada do que ciência. O campo da comunicação talvez seja um campo mais heurístico do que propriamente científico.

Como se situa a questão ética na comunicação, tendo em vista que o senhor afirma que a área “talvez seja um campo mais heurístico do que propriamente científico”?

A comunicação faz parte das ciências morais. Há uma separação epistemológica que vem desde Kant das “ciências das coisas que são” e as “ciências das coisas que devem ser”. As “ciências das coisas que são”, são as chamadas ciências duras, as físicas, biológicas. E, que ao longo do tempo revelou-se que não são tão duras e os paradigmas não tão estáticos assim. E o caso da comunicação está no meio das ciências sociais e aplicadas, aplicadas sobretudo ao que deve vir a ser. O que deve vir a ser é um projeto de sociedade, de humanidade. A comunicação, portanto, é uma ciência interdisciplinar, relacionada com uma teleologia humana, social. Os conceitos de sociedade e de comunidade foram muito dilatados. A própria subjetividade não é mais construída a partir de raízes. As subjetividades locais são importantes, mas todas dialogam entre si hoje num contexto muito mais planetário e cosmológico que passa de uma aldeia para uma aldeia global – não estritamente no conceito de aldeia global de McLuhan – mas passa por uma discussão moral, não apenas um moral relativo aos costumes, porém a passagem da moral inscrita para uma moral discursiva. Então há uma grande mudança que é a moral que se transforma numa ética porque é a passagem do discurso prático para o discurso teórico. A ética é um discurso teórico porque discute o próprio discurso da moral. A própria moral quando ela vira uma discussão passa do discurso prático para o discurso teórico. Essa discussão quando ampliada, passa então para uma ética discursiva em nível planetário.

Em seus estudos e textos publicados o senhor aponta para um “projeto de humanidade” a partir da comunicação. O senhor poderia explicar o que é esse “projeto de humanidade”?

Desde os gregos socráticos tem-se a polaridade entre *episteme* e *techne*, entre tecnologia e humanismo. Este humanismo hoje é mais do que a discussão entre globalização e universalização. Essa discussão ética está muito mais para universalização no sentido dos direitos e deveres universais do que para a questão da globalização, que é mais mercadológica e econômica. Há uma ética discursiva que perpassa o local, o nacional, o global, mas que tem um rumo, um horizonte ético que é o projeto de uma humanidade. Eu acrescento o neologismo de uma holoética na minha pesquisa. A holoética é a visão da mesma ética para a cidadania planetária, mas não apenas com um vetor direcionado de forma heterônoma, ou seja, de fora para dentro da questão humana. O ser humano voltado para as coisas todas postas. É o homem posto para o mundo. O homem é planetário transcendendo – como queriam os precursores Habermas e Morin – o Estado-nação. O que acontece de paradoxal hoje? Ao mesmo tempo em que nós temos um amadurecimento da

noção do cidadão que é universal, estamos num momento de um paradigma intersubjetivo. Então, ultrapassamos o paradigma de objetividade, de subjetividades corporativas e estamos hoje numa intersubjetividade que vai além da interdisciplinaridade. Não é só um diálogo entre os saberes. É um diálogo entre estes saberes para quê, para quem e para que futuro. Há toda uma discussão da ciência conversar com certo humanismo.

E o que isso ocasiona?

Ao mesmo tempo em que nós temos a radicalização de certas circunstâncias de sociedades primitivas tradicionais com laços ainda de clã, de sangue, de aldeia clássica como Bocorran, como esse califado, em meio a pós-modernidade. Temos movimentos de idas e vindas, de avanços e retrocessos. Paralelamente, um fenômeno ao outro. Diria que temos uma síntese. Estas coisas não acontecem isoladamente, e mesmo quando o líder carismático, que é próprio de uma dominação carismática e não uma dominação legal, racional com relação a fins, como categorizou Max Weber. Mesmo quando a gente tem figuras eleitas e colocadas numa liderança típica de sociedade tradicional e de dominação carismáticas, essas não são endógenas e querem apenas discutir seus interesses. Muito ao contrário, mesmo na contestação, no conservadorismo extremo, na radicalização, esses grupos querem uma interface com os valores que são discutidos num contexto de esfera pública mundial e num contexto de uma sociedade global que é discursiva, que contesta e contextualiza.

A internet, em específico, as redes sociais poderiam ter uma aproximação com o que o senhor chama de cidadania planetária na medida em que pluraliza o acesso tanto no que respeita à produção, quanto à difusão e recepção?

Já houve quem classificasse a internet como uma revolução tão importante como o Renascimento. Exemplo, a mordida do jogador uruguaio. Passado o atenuante moral do calor da ação. Ele aparece com as criancinhas na sacada e pede desculpas, diz que se arrepende e promete que não vai fazer mais. O presidente do Uruguai fala mal da FIFA. Essas coisas todas ganham um foro discursivo. É um foro discursivo de um grande momento institucional de ética discursiva como uma Assembleia Constituinte? Eu diria que há dois momentos, o momento do varejo, que é o dia a dia do acontecido, que logo vai causar as reações e há os grandes momentos – esses oásis institucionais – de vez em quando parte-se para se rediscutir as questões aristotélicas. É o que Habermas chama de validação das proposições. Vamos repensar o decoro no campo de futebol para a próxima Copa. Este momento quando se convoca os atores e protagonistas, os sujeitos psicológicos cognitivos e morais do assunto, estamos precisamente no momento em que a moral, que é discurso prático, passa para o discurso teórico.

Em um momento em que há uma prevalência de matrizes curriculares que formam os estudantes para o mercado de trabalho, ou seja, para trabalharem como operadores do jornalismo ou da publicidade, por exemplo, como o senhor avalia a importância que é dada à proposta de

ensino da ética pelas matrizes curriculares, bem como o tempo (de ensino em semestres, por exemplo) destinado a ela nos cursos de graduação no Brasil?

Apesar de termos recentemente editadas as novas diretrizes curriculares na área do jornalismo, acho que necessariamente vamos ter que levar em conta todo um paradigma de discussão que ultrapassa as corporações. Vamos recuperar as grandes eras da ciência. Que é a relação é bem sujeito e objeto; é bem a construção de objetos teóricos e práticos, aplicados, tecnológicos; é o paradigma da razão; é o paradigma disciplinar; de estabelecimento de saberes técnicos, compartimentados. Se pegarmos a história da ciência e da universidade, as primeiras universidades tinham três áreas de saberes que eram o chamado *trivium*, daí que vem a expressão trivial. Os saberes universitários começam com o *trivium*, depois *quadrivium* e depois temos uma pulverização. Foucault dizia que estão em queda os intelectuais universais. O que temos são intelectuais específicos. A ciência está em vanguarda quando há uma última novidade. Temos um esfarelamento tão grande da interdisciplinaridade. O diálogo que há é de um saber específico dentro da sua cápsula de especificidade. Passando desse paradigma da objetividade para um paradigma da subjetividade, nós temos os novos sujeitos sociais, novos movimentos sociais que decorrem de novas subjetividades. Só que ainda são subjetividades corporativas. O que é necessário é que os saberes sejam interdisciplinares, mas sejam dialógicos, e sejam intersubjetivos. A intersubjetividade perpassa os próprios documentos das Nações Unidas, os documentos das agências, os documentos técnicos. Todos os documentos indicam para um retorno a um certo holismo: não podemos mais continuar pensando o mundo de forma fragmentada.

E isso implica mudanças no ensino da ética?

Como continuar no ensino de ética – em qualquer campo e não só o da comunicação - onde o dever e o não dever. Portanto, o discurso teórico sobre a prática, tendo um panorama de intersubjetividade, como o ensino vai se reduzir a uma deontologia aplicada, a um contexto extremamente corporativo que é de uma subárea que é uma habilitação profissional como a de jornalismo. O grande dilema moral vai se reduzir a uma dicotomia, a uma decisão binária que é: devo ou não devo usar uma câmera oculta. E isso transcende o código porque o dilema acaba sendo subjetivo, no sentido de que é o indivíduo portador de um sujeito da ação moral. Esse sujeito da ação moral não está levando em conta sua ação. Hoje, só o seu egocentro, o centramento do seu interesse particular, corporativo e técnico-profissional. Em alguma prática o sujeito leva um eu muito mais universal, que é de empatia, de solidariedade, de compaixão de colocar-se no lugar do outro. Este fazer profissional, hoje, passa longe de uma atitude que não é discursiva. Em sala de aula, surge a pergunta na disciplina de ética: e quando o dilema surgir? Impessoalize, discuta com a equipe. Assim, o dilema se torna mais discursivo e mais intersubjetivo.

Como o senhor avalia a função dos códigos no ensino da ética?

Os códigos são referências, são bússolas. Mas não são absolutos. O que não os absolutiza é a interpretação subjetiva do dever. O indivíduo tem elementos

para discernir sobre qual é a sua ação moral independente de qualquer profissão. Imagina com um código na mão? Só que hoje é preciso ir além de tudo isso. As pessoas, profissionais ou não se colocando diante de um contexto que é universal. Não é mais o meu interesse específico, fisiológico, estratégico, teleológico e imediato. É preciso ir além do antropocentro, é preciso pensar nos outros seres, nas coisas do mundo e como elas estão sendo organizadas.

Por fim, qual sua avaliação sobre as novas gerações de estudantes de graduação da Faculdade de Comunicação da UnB? Há uma preocupação com as questões éticas e de cidadania por parte desses alunos?

Noto que os alunos estão ainda muito instrumentalizados por disciplinas instrumentalizadas, em técnicas. Com as razões deles, os alunos estão preocupados em dominar tal softwares. Hoje, temos noções aplicadas do *mobile journalists*, os jornalistas móveis que usam um celular para exercer a sua profissão. As redações atualmente não querem mais o jornalista que domine só o texto. O jornalista tem que ser hipertextual, hiperprofissional. Qual é a saída então em sala de aula quando se está discutindo ética? Quando os estudos de caso são trazidos, os alunos têm tendência a querer discutir as péssimas práticas. Eles, geralmente, querem eleger algo que é esquizofrênico. Eles vão ser publicitários, mas querem fazer o trabalho na disciplina sobre a publicidade calhorda, machista, consumista, mentirosa, abusiva. E aí eu digo: se você for convocado para fazer uma publicidade de cerveja, como ultrapassar o mal feito, fugir do cacoete, do lugar comum? Quais são as práticas exemplares que podem ser universalizadas em qualquer campo. Então, é preciso eleger em qualquer habilitação quais são as práticas exemplares de bom decoro. O que se tem de evitar na disciplina de ética da comunicação é reduzir a disciplina à análise de um bestialógico de: como a minha profissão faz mal às coisas. Qual foi o maior erro histórico da imprensa brasileira? O caso da Escola Base. Toda turma tem um grupo de alunos que quer fazer um trabalho sobre o caso. É preciso não perder a consciência crítica de que a profissão causa danos materiais, morais e a sua própria corporação. Mas é preciso ir além. Diante de situações de decoro, como é possível fazer um produto que seja ao mesmo tempo técnico, estético e ético.

E eles têm conseguido?

É difícil porque a tendência é de eles pegarem exemplos negativos. É uma espécie de pedagogia do mal. Quando mostro como o mal foi mal feito, perco a oportunidade de avançar e dizer como deveria ser feito. Olhando as práticas, posso olhar como foi mal feito, mas também posso olhar e discernir sobre alternativas que sejam feitas com decoro. Então, temos três categorias de decoro: do *ethos* cultural, do *ethos* corporativo e do imperativo categórico. Enquanto Kant dizia que o imperativo categórico é universal, Piaget dizia é universal sim, mas é empírico, social e construtivo e, não a priori metafísico como queria dizer Kant. É um contínuo construtivo. Mas a dois séculos de diferença entre eles.